

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

MEGAEVENTOS E DESENVOLVIMENTO

Francisco Barbosa

Sócio Presidente – IPADES

No Brasil os megaeventos garantirão só ganhos a setores da economia e dos políticos, ou também mostrarão avanços no desenvolvimento e no comportamento político da sociedade?

O Brasil será palco de megaeventos no período de 2013 a 2016. Copa das Confederações, Jornada Mundial da Juventude, Copa do Mundo e Olimpíadas. Isto significa coordenar investimentos públicos e privados que garantam o sucesso do megaevento em todas as suas dimensões.

Essas dimensões vão da hospedagem à segurança; da energia a atenção aos turistas; da infraestrutura de mobilidade de pessoas à ampliação da rede de telecomunicações que transportará um gigantesco volume de dados, significando que o desempenho brasileiro fora do campo específico do evento será exposto ao crivo de uma observação internacional de bilhões de pessoas.

O resultado concreto desses megaeventos, entretanto, só surgirá após a conclusão dos mesmos. Em 2013 o país já sediou os dois primeiros: a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude. Com características distintas já serviram para avaliações econômicas e políticas.

A **Copa das Confederações**, ocorrida em junho, embora um sucesso esportivo, inclusive com o Brasil campeão de maneira convincente, mostrou-se capaz de apontar grandes interrogações e insatisfações em ambos os aspectos acima mencionados. No econômico são várias as demonstrações de aditivos financeiros aos projetos das arenas, entre os quais se destaca a arena de Brasília – estádio Mané

Garricha – com a duplicação do valor projetado. No político, a Copa das Confederações serviu também como uma das motivações para as grandes concentrações populares de protesto em todo o país, que ficaram identificadas pelo slogan: “acorda Brasil”.

Em julho o país sediou a **Jornada Mundial da Juventude**, na cidade do Rio de Janeiro, com a participação do Papa Francisco. No aspecto religioso foi um sucesso, um show. Paz, harmonia, solidariedade, evangelização e encantamento com simplicidade e o carisma do papa, e a energia e o entusiasmos dos jovens participantes. No planejamento e na execução do campo da fé, palco de encerramento da jornada, em Guaratiba, ocorreu um fiasco, tendo se transformado em um grande lamaçal sem condições de atender seu objetivo. Politicamente, desta feita, pelo clima emocional e religioso do encontro, a população carioca deu uma bela demonstração de acolhimento ao ajudar a sanar problemas de infraestrutura; e os peregrinos, também nesse clima contribuíram para aceitar e contribuir para absorver as diversas falhas de infraestrutura e logística que ocorreram.

O país agora se defrontará com a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016. A expectativa faz jus à estimativa de impacto que cada evento representará na economia e no comportamento político da sociedade.

Estudos da Fundação Getúlio Vargas – Projetos (FGV – Projetos) e da Ernst & Young, em 2010, avalia que o impacto da **Copa do Mundo** na economia alcançará R\$ 142 bilhões. No entanto, não dá para dizer se esse número será menor, maior ou igual. Mas, muitos investimentos ainda estão acontecendo, muitos ainda vão acontecer, a conclusão certamente é que esse número será maior. Para as **Olimpíadas**, pesquisa da Fundação Instituto de Administração (FIA/USP) apontou movimentação de US\$ 51,1 bilhões, em valores de 2008.

Estudos internacionais constatam que os impactos vão além das obras. O simples fato de sinalizar ao mundo as características do país-sede, por exemplo, pode se refletir positivamente até em suas exportações. Se os investimentos forem bem aplicados, a organização e a logística bem operacionadas, outras áreas da economia também serão beneficiadas. É nesse contexto que o país obterá ganhos no desenvolvimento, ou seja, nas externalidades desses eventos.

Para o Brasil, muito mais do que para a Alemanha e a África do Sul, anfitriã das duas últimas copas, o sucesso e legado desses eventos dependerá muito mais dos

avanços em infraestrutura de transportes e serviços, sobretudo hotelaria, nos quais o país ainda é muito carente e desigual entre suas regiões e estados. Entretanto, o Brasil continua “refém de um vício”, a ausência de planejamento de longo prazo para grandes obras de infraestrutura, isto porque a necessidade de encurtar prazos devido aos ciclos eleitorais fala mais alto. A reversão desse quadro dependerá de estabelecer uma institucionalidade para que esforços desse tipo não dependam necessariamente do governante de turno. Significa que as obras ganhem *status* de um projeto de Estado, não de governo, nem de partido.

Quanto ao objeto desses dois eventos, o esporte, poderá aumentar a participação no PIB nacional, que hoje é de 1,6%, para 2%; nos Estados Unidos esse percentual é 3%. Com o conceito multiuso adotado para a gestão das novas arenas espera-se uma melhora do perfil de receita desses espaços em geral, evitando a criação dos chamados elefantes brancos.

No entanto, uma das maiores expectativas de retorno frente aos megaeventos, ainda se concentra no setor de turismo. A motivação esportiva deverá impulsionar um aumento no número de turistas internacionais ao país passando dos 5,8 milhões registrados em 2012, para 7,9 milhões, em 2016, com um crescimento médio de 8,03% ao ano. Para a receita cambial turística, o aumento perseguido é de 11,7% ao ano, saltando de US\$ 6,65 bilhões, em 2012, para US\$ 10,34 bilhões, em 2016.

Por seu turno, o turismo esportivo poderá ser uma via para que o país também aproveite seu imenso potencial no turismo cultura. A sociedade brasileira possui uma diversidade cultural extensa. Nesse aspecto o país deverá se preparar em pelo menos três frentes. A primeira diz respeito à qualificação de pessoal – guias de turismo cultural – capazes de levar aos turistas não apenas a beleza da arte apresentada, mas fazê-la entender o mais possível o que ela representa. No plano patrimonial terá que revitalizar o maior número possível de museus, com a adoção de audioguias e criação de acessos especiais para cadeirantes. E na terceira frente, criar condições para que pequenos e médios empreendedores, mesmo os de fora das cidades-sede, possam promover seus produtos na época dos eventos e ampliar o conhecimento dos turistas sobre as manifestações culturais brasileiras.

Um aspecto novo que os megaeventos podem trazer para o país é um novo sistema de governança. Trata-se de uma organização de consultores em diferentes áreas, um sistema de planejamento, de monitoramento do qual os três níveis de governo – federal, estadual e municipal – devem participar incorporando também

atores da iniciativa privada. Será algo extremamente eficiente para mudar a baixa capacidade que os municípios em geral têm de executar projetos, por falta de corpo técnico, rigidez no sistema de contratação, falta de verbas, além de outros problemas de ordem regulatória.

Os megaeventos não só trazem um sistema de planejamento que é muito importante com cronogramas e prazos, visto estarem atrelados a uma data limite que não muda, mas traz entrosamento, senso de urgência e alavancagem de obras fundamentais para os locais beneficiados. Experiência que deverá ser incorporado aos métodos de gestão em todo o país.

Pelo que já foi visto em 2013, pelo comportamento e participação da população pode-se esperar que mudanças ocorram para enquadrar esses megaeventos, o mais possível, em benefícios à sociedade brasileira.